

Revista de Ensino de Geografia

Desde 2010 - ISSN 2179-4510

Publicação semestral do Laboratório de Ensino de Geografia – LEgeo

Instituto de Geografia – IG

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

ARTIGO

GEOGRAFIA EM HORÁRIO NOBRE: O QUE A NOVELA PANTANAL NOS ENSINA SOBRE O CONCEITO DE LUGAR?

Wilcilene da Silva Corrêa Coêlho¹
Amélia Regina Batista Nogueira²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo identificar o conceito de lugar apresentado na mídia como forma prática de aprender geografia. Muitas vezes o saber apresentado pelos livros didáticos pode se mostrar sem significado e distante da realidade, como por muitos anos se mostrou no passado mnemônico da ciência geográfica. A proposta da geografia renovada é de um aprendizado mais significativo e prático, para o qual bem se aplica a perspectiva fenomenológica. Destacam-se inicialmente importantes autores e suas conceituações e colaborações acerca dessa perspectiva, em seguida se estabelece o paralelo entre o ensino de geografia e o conceito de lugar e, por fim, uma breve e despretensiosa análise de cenas e contextos da novela Pantanal, que pode contribuir para a aprendizagem significativa do lugar enquanto espaço vivido. Entende-se que o uso previamente planejado e bem selecionado desse recurso audiovisual, cujas cenas são amplamente divulgadas em formato gratuito tanto na televisão quanto nas redes sociais, pode se configurar como uma estratégia exitosa no ensino de geografia.

Palavras-chave: Lugar. Ensino de geografia. BNCC. Pantanal. Mídia de massa.

1 INTRODUÇÃO

Muitos são os conceitos geográficos desenvolvidos ao longo da história da ciência geográfica presentes e desenvolvidos no ensino escolar da geografia. Paradoxalmente, a geografia que é hoje entendida como uma ciência do vivido e das experiências, por muitos anos esteve distante da realidade vivenciada pelos alunos, não levando em conta sua geograficidade.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: prof.wilcilenecorrea@hotmail.com

² Professora Associada do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: ameliabatista@ufam.edu.br

Nesse sentido, buscou-se aqui retomar o conceito de lugar, que não teve a mesma atenção dos pesquisadores para o desenvolvimento de estudos mais abrangentes, mas que é justamente o conceito que se relaciona às vivências e experiências do ser com sua terra natal e com seu lar.

Geograficidade, onde se é um só com os lugares vividos, é o que se percebe na experiência de vida de personagens da novela atualmente exibida em horário nobre na televisão aberta. Experiências com o lugar muito bem representadas em cenas gratuitas e disponíveis na mídia de massa (televisão e internet) que se bem planejadas e selecionadas, podem ser muito bem aplicadas ao ensino de geografia. Essa é uma proposta a se pensar a partir dessa análise que relaciona Lugar, ensino de geografia e a teledramaturgia.

2 O LUGAR COMO CONCEITO GEOGRÁFICO

Por muitos anos, o termo lugar na Geografia foi utilizado como uma palavra com significado locacional (HOLZER, 2003), ou seja, com o intuito primeiro de localizar um determinado sítio ou área do espaço geográfico. Por isso mesmo, de acordo com Holzer ficou relegado a segundo plano frente a outros conceitos geográficos mais densamente abordados, como paisagem e território.

Mas lugar em geografia está para além da mera localização. Vale aqui resgatar o conceito de geograficidade de Eric Dardel, como a relação concreta entre o homem e a Terra... uma relação orgânica, de existência e de destino (DARDEL, 2015). A dimensão existencial do conceito de geograficidade, que tanto envolve o amor ao solo natal quanto uma busca por novo ambientes, está ligada ao fato de que mesmo antes de conceituações ou representações conceituais, o ser humano é essencialmente um ser espacial (SERPA, 2021).

Dessa forma, a vida e a existência humanas prescindem produzir e experenciar o espaço. A geograficidade é um conceito que, portanto, não separa o homem da realidade sobre a qual vive, mas a traduz em vivências, em atos, em observações do mundo como ele é: sem a preocupação em usar palavras eruditas, mas traduzir e decifrar a Terra a partir de seus elementos naturais.

A "descrição da Terra", que etimologicamente definiu a geografia por muito tempo, baseado em Dardel (2015) aqui se aplica como uma possibilidade de interpretação de seus elementos, um esclarecimento de seus signos, formados por rios, montanhas e relevos presentes no planeta.

A noção do ser humano a partir de suas experiências é essencial na construção e manutenção de sua cumplicidade com a Terra. As pessoas têm diferentes experiências com os lugares, e é a partir das sensações e dos seus registros através dos sentidos, que se constrói a sua relação qualificadora, sensível e não necessariamente material com a Terra.

É a partir das experiências vividas que o ser humano consegue qualificar a natureza e seus elementos, por isso mesmo a experiência não pode ter seu valor extinto ou esvaziado pela apreensão intelectual ou científica. E a partir disso, destaca-se que antes do geógrafo vem o ser que vive e experiencia, descobre e se descobre diante de um mundo de vivências e experiências e que é levado a refletir a partir delas, para compreender a realidade a seu modo. O ser prescinde a ciência e não o oposto: antes de aprender algo cientificamente, eu sou, eu vivo, eu vejo e sinto ao meu redor.

O espaço material não é em si mesmo e só, não se constitui em uma bolha isolada e indiferente, mas pode ser tanto acolhedora quanto ameaçadora da liberdade humana. Para escaladores, a montanha é seu melhor lugar, é o lugar de grandes e inesquecíveis experiências. Enquanto isso, para qualquer outra pessoa sem as devidas habilidades, a montanha é um obstáculo à circulação e à realização de atividades em geral.

Pode parecer antropocentrismo, mas de fato a ciência e suas classificações existem e tem sentido a partir da existência humana: uma vasta planície, uma floresta densa e uma montanha alta só são entendidas dessa forma a partir da experiência humana.

Assim, pode-se aplicar a ideia de Marandola Jr. (2012) de modos geográficos de existência: os conceitos geográficos como lugar se aplicam à vida e às situações cotidianas que mais tarde, se tornam abstrações a caracterizar os lugares enquanto espaços vividos.

Serpa (2021) traz uma importante discussão sobre a associação entre os conceitos de lugar e território. Esses conceitos têm sido operacionalizados em associação a palavras como vivido e poder, respectivamente, mas de maneira separada, distinta.

No entanto, vale lembrar que as experiências humanas em algum momento se entrecruzam e proporcionam resultados que estão para além da generalização: assim como o poder é "um fenômeno vivido e o vivido também manifesta as relações de poder" (SERPA, 2021, p. 62). Então é importante lembrar que em diferentes momentos e experiências, os conceitos geográficos de lugar e território se entrecruzam e promovem zonas de interface.

Há espaço para múltiplas interpretações sobre as experiências de lugar, como destaca Marandola Jr. no prefácio da importante obra de Tuan (2013), *Espaço e lugar*. Nele, Tuan expressa fortemente a ideia de um lugar que se constrói a partir da experiência e dos sentidos,

com sentimento e entendimento, numa mistura entre corpo, cultura, história, relações sociais e paisagem.

A participação de seus conceitos e obras é de grande importância para a geografia humanista, que ele ajudou a difundir a partir da década de 1970: uma geografia com um viés que busca redesenhar o conceito e o sentido de lugar, como forma de abordagem para o entendimento da relação entre o homem e o meio.

Dessa forma:

O lugar (...) é o próprio microcosmo que dá sentido à existência; é mais que o lugar antropológico, mais que o *habitus* social ou casulo protetor psicológico: ele é tudo isso ao mesmo tempo, sendo significado geograficamente na relação corpórea e simbólica do sujeito (MARANDOLA JR, *apud* TUAN, 2013, p. 7-8).

Neste aspecto, pode-se retomar a *géographicité* de Dardel, o "Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra" (DARDEL, 2015, p. 1-2). A geograficidade reporta a essa ideia da intrínseca ligação que existe entre o ser humano e suas experiências vividas nos lugares que marcam sua existência. Assim, ele não é apenas um ser sobre os lugares, separado, desconectado... ele é um com os lugares, vive e é a vida existente naquele espaço cheio de significado.

Os lugares podem ainda ser ressignificados a partir das experiências vividas nele. "Ele é foco de disputas, é onde construímos nossa proteção existencial e material, onde guardamos nossas memórias, onde somos nós mesmos" (MARANDOLA JR, *apud* TUAN, 2013, p. 9-10).

Em Tuan (2013, p. 12) fundamenta-se que "as pessoas respondem aos lugares de maneiras complicadas". Além dos animais não humanos terem sentido de lugar e de território, as pessoas como seres complexos apresentam a capacidade diferenciada da criação ou relação com símbolos por meio dos seus órgãos sensoriais.

Ao destacar a importante influência da cultura no desenvolvimento humano, é notório que ela exerce influência sobre os valores, hábitos e comportamentos e também diferencia as percepções de lugar de cada povo. No entanto, em traços comuns aos seres humanos independente da cultura, pode-se destacar ao menos três aspectos que influenciam nessa relação com o lugar: os fatos biológicos (corpo em relação ao lugar); as relações de espaço e lugar (espaço é abstrato, lugar é concreto; espaço indiferenciado, lugar significado); e a amplitude da experiência ou conhecimento (experiências diretas e íntimas ou indiretas e conceituais).

A experiência em Tuan é um termo-chave na busca pela compreensão das relações com os lugares. Por isso, entende-se uma necessária conceituação:

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, o paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização (TUAN, 2013, p. 17).

A experiência está relacionada às emoções e aos pensamentos: ambos dão cor às experiências e incluem as sensações, utilizadas para qualificar as situações vivenciadas num sentido ambíguo, indicando as qualidades sentidas, e revelando a maneira como se é afetado por elas.

Apesar de a experiência parecer passiva, visto que é experiente aquele que já viveu mais ou que é entendido como mais maduro, a experiência prescinde, na verdade, a capacidade de aprender a partir da vivência (TUAN, 2013, p. 18). Nem sempre se vai conhecer a complexidade de uma situação, mas uma realidade, uma faceta de determinada situação a enfrentar e ter a capacidade de aprender sobre ela, de fazer algo a partir dessa vivência.

Uma criação que relaciona sentimento e pensamento a partir da cultura e das abstrações individuais dos seres, através de seus sentidos. Sentimento e pensamento, portanto, não são opostos, mas se complementam na continuidade do processo experiencial.

Subjetividade e objetividade se encontram e se completam no objetivo de conhecer.

E ao tratar da importância dos sentidos no processo do conhecer, do experienciar e do vivenciar, Tuan (2013) apresenta alguns importantes aspectos dentre os quais se pode destacar que a visão é um processo seletivo e criativo, a partir do estímulo ambiental da luz; que paladar, olfato e tato podem ser ricamente refinados; olfato e tato melhoram com a prática e diferenciam mundos de significados e este último permite a exploração em um mundo complexo.

Os sentidos por si só não conferem sensação de espaço, mas permitem essa associação. Baseado em Campbell (1966), Tuan (2013, p. 21) destaca que os órgãos sensoriais e experiências que permitem ter sentimentos e qualidades espaciais são: "cinestesia, visão e tato". É, portanto, através do movimento, dos estímulos, do ver e do tocar que os sentidos auxiliam o ser a traduzir sensações em experiências e a construir seus lugares íntimos ao longo da vida.

Há que se destacar ainda a importância e a capacidade da mente humana na qualificação dos espaços do homem, a partir dos seus sentidos. O espaço interpretado depende

do poder da mente humana de ir além dos dados percebidos: cria espaços abstratos na mente e padrões geométricos na natureza, sendo capaz ainda de materializar sentimentos, imagens e pensamentos. "O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado" (TUAN, 2013, p. 28).

As experiências mais íntimas com os lugares estão intrínsecas ao profundo do ser, tão escondidas que não são facilmente acessadas ou não estão nas profundezas do nosso íntimo de maneira consciente. Elas inclusive são difíceis de acessar e expressar, de acordo com Tuan (2013, p. 167). São por vezes, situações que deixam as pessoas vulneráveis e passivas.

Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato. Há ocasiões em que até o adulto saudável anseia pelo aconchego que conheceu na infância. (...) Os seres humanos são os únicos entre os primatas que têm o sentido de lar como um lugar onde o doente e o ferido podem se recuperar com cuidados solícitos (TUAN, 2013, p. 168).

O sentido elementar de lugar é que ele é pausa no movimento: uma localidade passa a ter valor reconhecido quando favorece experiências íntimas e aconchegantes, afeição e acolhimento. No entanto, nem sempre as experiências íntimas são favoráveis à permanência do ser humano em um lugar.

Diante de perdas e ausências, símbolos e significados podem se perder e trazer à tona novas simbologias, tornando-se tortura, sofrimento e dor. O contato entre as pessoas é o que determina a existência dos chamados lugares íntimos, pois é a inter-relação entre as pessoas que enriquece a experiência do ser com o lugar. Mas o que se entende por lugares íntimos? São ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato (TUAN, 2013, p. 172).

A casa, que é lar e lugar, é um lugar íntimo tanto em sua totalidade e estrutura como com seus mínimos detalhes que podem ser tocados e sentidos: uma janela, uma varanda, um móvel específico... Nas menores e mais familiares coisas, a memória tece alegrias intensas e nos liga por simples coisas como um som, um tom de voz, um odor.

E, assim, por meio do tato e do coração, coleciona seu monte de bugigangas, sem a discriminação perceptiva visual ou inteligência. (...) chega um tempo, na meia idade, que mesmo uma mente crítica aceita que essas coisas foram boas de terem sido conhecidas e lembradas (TUAN, 2013, p. 177).

Tanto a casa quanto a cidade natal, por mais simples e sem encanto que sejam, fazem parte do mundo pequeno e familiar que experiencia-se... é rico na complexidade da vida cotidiana mas não necessariamente rico em aspectos da imaginação. Muitas vezes para

qualquer outra pessoa, não faz sentido o valor que se tem sobre os lugares e suas simples coisas, para quem não teve vivências e experiências nesses lugares.

Na próxima seção a abordagem se volta para o conceito de lugar e sua importância no ensino de geografia, destacando seu passado enquanto ciência decorativa e sua proposta mais recente, de ciência da realidade vivida.

3 O LUGAR E O ENSINO-APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA

A geografia tem, historicamente, uma dificuldade em ser compreendida como uma ciência da realidade, do cotidiano. Isso se deve, certamente, a abordagens e propostas pedagógicas que distanciam ao invés de aproximar, voltadas muitas vezes para o cumprimento das avaliações institucionais.

Desde Gonçalves (1987) os questionamentos acerca da prática de ensino de geografia carrega fortes críticas: “A Geografia deve ser entendida como um momento necessário da sociedade, que só pode ser compreendido dentro da totalidade social de que faz parte e que ajuda a constituir” (GONÇALVES, 1987, p. 18).

A parcelização dos conhecimentos, sendo utilizados como forma de dominação e ideologicamente úteis, atendem a interesses políticos e patrióticos, também compõem fortes críticas que historicamente são tecidas à ciência (VLACH, 1987).

Enquanto disciplina escolar, a geografia se localiza no jogo dialético entre a sala de aula e a escola, destoando da produção acadêmica e de ações governamentais, que ditam as propostas e conteúdos programáticos a serem ministrados (PONTUSCHKA, 2002).

Tradicionalmente, a geografia é rotulada como ciência decorativa, como afirma Carvalho (2004). Baseando-se na memorização de aspectos naturais desde seu surgimento enquanto disciplina escolar: reconhecida como a ciência de um espaço não analisado, mas inventariado.

Sofrendo com tantas críticas, o ensino de geografia precisava de urgente renovação, que não começa a acontecer antes da década de 1960, como destaca a autora: entre a crise e a renovação, tem-se diversas mudanças como a massificação da escola, livros didáticos mais enxutos em diversos formatos, uma fase lucrativa da indústria do livro didático e mudanças concretas em relação aos conteúdos, que desaguardaram no que se convencionou chamar de geografia crítica.

Assim: "(...) podemos dizer que a(s) geografia(s) crítica(s) buscam remontar esse espaço. E para ser remontado, ele tem que deixar de ser abstrato para ser concreto - o lugar

"onde os sujeitos sociais vivem" (CARVALHO, 2044, p. 49). Parafraseando Moreira, a autora nos lembra que a geografia é saber vivido e aprendido pela própria vivência, e nisso reside tanto sua peculiaridade quanto seu significado político.

Neste sentido, destaca-se a Base Nacional Comum Curricular, que é o documento mais atual a reger as aprendizagens essenciais e progressivas a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo da Educação Básica. Nele está posto que:

Estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças (BRASIL, 2018, p. 359).

Pensamento espacial e raciocínio geográfico são dois conceitos bem presentes, que perpassam a proposta e as unidades temáticas que a compõem. Em um relatório analítico, Nogueira (2020, p. 5) destaca que:

O texto indica as prioridades do componente para o Ensino Fundamental e Médio, partindo das relações vividas em que o sujeito se percebe no mundo (Ensino Fundamental) e das relações em que este percebendo-se como sujeitos do mundo, coloca-se como sujeito ativo e responsável pelo espaço geográfico (Ensino Médio). Entendemos assim, que os objetivos gerais da proposta se articula com as dos componentes curriculares e aqui em particular com os de Geografia.

A Geografia contemplada neste documento oficial, que passa a reger o que deve fazer parte do conteúdo programático de Geografia na Educação Básica, de acordo com a autora, propõe uma articulação entre o lugar vivido e a experiência vivida com o mundo, levando em conta a experiência do sujeito no Ensino Fundamental. Da mesma forma no Ensino Médio, se propõe que as questões ambientais, sociais, culturais e econômicas sejam entendidas a partir do lugar vivido e experienciado pelo sujeito.

Essa valorização das experiências vividas se complementa com maior acuidade ainda no ensino Médio, com a inserção de disciplinas como Filosofia e Sociologia amplia o debate e a arcabouço teórico a fim de compreender a realidade. Desse modo, "O Ensino Médio sai do foco do sujeito para o de sociedade. Porém, como previsto nos princípios do documento, sem

perder a ideia de que em meio às relações sociais há, também, relações de existência" (NOGUEIRA, 2020, p. 5).

A partir daqui, destaca-se uma abordagem sobre o conceito de lugar na mídia de massa, que apresenta cenas características do conceito aqui caracterizado e que pode ser aproveitada como parte complementar em metodologias de aprendizagem significante para aulas de geografia.

4 LUGAR NA MÍDIA: NOVELA PANTANAL.

A partir de março de 2022, esteve em alta na mídia televisiva e nas redes sociais bordões, músicas e comentários acerca do remake da novela Pantanal na rede Globo de televisão, que foi exibida pela primeira vez na década de 1990 na extinta rede de televisão Manchete. Tendo sido um grande sucesso, foi reprisada nos anos de 1991, 1999 e em 2008, pelo SBT.

Por ser um drama e ter revolucionado a teledramaturgia do seu tempo, com cenas gravadas no próprio Pantanal, a novela de autoria de Benedito Ruy Barbosa foi regravada e reexibida no horário nobre (21 horas) com a adaptação de Bruno Luperi, neto do autor da versão original.

A história gira em torno de uma saga familiar, onde o amor é o fio condutor e a natureza, protagonista. Além das belíssimas paisagens naturais e das relações familiares, a novela traz uma forte dose de misticismo, com personagens que transitam entre o humano e o animal.

Por aquelas bandas, a vida segue seu curso baseada nas relações daquelas pessoas com o lugar vivido, experienciado, que é um lugar riquíssimo em natureza distante tanto geográfica quanto tecnologicamente de riquezas tão consagradas na vida moderna, como internet, mobilidade e rapidez.

Neste remake, no entanto, algumas modernidades já vêm sendo incorporadas à trama, como aparelho de televisão e acesso à internet disponíveis na fazenda de José Leôncio (Marcos Palmeira), trazidas na segunda fase da trama por seu filho Jove (Jesuítá Barbosa).

É ainda nessa fase que Jove se apaixona pela menina que vira onça Juma Marruá (Alanis Guillen) (Figura 1). Ela é a personagem que, sem sombra de dúvidas, mais demonstra (em quantidade e qualidade) um apego visceral à sua casa, uma tapera simples onde cozinha em fogão à lenha, agachada no chão.



Figura 1: Juma Marruá, em frente à tapera em cena onde encontra sua mãe, Maria Marruá, incorporada em uma onça. Fonte: Reprodução / TV Globo.

Em diversos momentos ao longo da trama, Juma deixa clara sua relação concreta e orgânica com seu lugar, sua geograficidade como destaca Dardel (2015). Após a morte da mãe Maria Marruá (Juliana Paes) em vingança por disputas de terra, é Juma quem assume a postura de defensora do seu lugar que é também, seu território (Figura 2). Reproduz o discurso da posse das terras pela vivência, já que cresceu vendo a mãe fazer o mesmo: apontar a espingarda para qualquer pessoa que se aproximasse e não confiar em ninguém. São as abstrações a partir da vivência e das experiências.



Figura 2: Juma Marruá recebe os visitantes da tapera sempre com arma em punho. Fonte: Reprodução / TV Globo.

A tapera onde nasceu, seu lugar de existência e de destino, é o lugar do qual não aceita sair definitivamente para viver o amor com Jove e lugar para o qual anseia voltar, quando

Jove viaja a trabalho e ela se percebe sozinha na fazenda confortável e bem estruturada de José Leôncio.

Seu amor por seu solo natal faz com que ela não anseie por conhecer novas terras, já que vê na tapera onde nasceu e cresceu com sua mãe seu lugar de refúgio e proteção. Juma, filha de posseiros que buscam esconderijo no Pantanal após a perda de três filhos nos conflitos por terras na região sul do país, tem extremo apego a esse lugar também pelo fato de que seus pais estão enterrados nessas terras, cedidas muitos anos antes por José Leôncio. Uma relação visceral.

Por sua criação simples e sem muito contato ou instrução, Juma e seu lugar são um só pelas vivências experienciadas nele, sem a necessidade de ter belas palavras para traduzir a importância desse lugar para ela e sua família. Juma simplesmente tem toda sua história de vida representada nele.

Por suas memórias e pela vida simples que sempre teve nessa tapera, ela é entendida nesse sentido, como lugar de segurança na vulnerabilidade, de satisfação das necessidades biológicas. É na tapera que Juma trata de Jove quando este sofreu grave acidente e ficou entre a vida e a morte ao ter sido picado por uma cobra (Figura 3).



Figura 3: Juma cuida de Jove, que sofreu uma picada de cobra. Fonte: Reprodução / TV Globo.

O lugar acolhedor, onde ela também trata e alimenta o Velho do Rio, uma entidade protetora das florestas e dos moradores do Pantanal que tem a capacidade de se transformar em cobra sucuri e que muitos acreditam ser o velho Joventino, pai desaparecido de José Leôncio.

Após as cenas das queimadas que ocorreram na região em 2020 e 2021 irem ao ar em horário nobre, onde mais uma vez o remake busca conexão com a atualidade, o Velho do Rio

chega à tapera bastante machucado e sofrido por ver seu lugar sendo alvo de destruição pela ação humana. Ali ele é acolhido, tratado e curado por Juma (Figura 4).



Figura 4: Velho do rio pede ajuda a Juma e é cuidado por ela na tapera. Fonte: Reprodução / TV Globo.

O Velho do Rio é sem dúvida, outra personagem de grandiosa importância no contexto do conceito de lugar, já que está sempre a observar e tomar partido em defesa da natureza e das pessoas que ali vivem, transitando do humano ao animal, forma pela qual também demonstra sua íntima ligação com o lugar vivido.

Por fim, destaca-se um impasse: as personagens Juma e Jove vivem um amor que afeta a relação de Juma com a tapera, seu lugar. Enquanto ela não aceita sair dali, Jove, criado no Rio de Janeiro com acesso às tecnologias e regalias de família nobre se sente aprisionado a um lugar com o qual não tem afinidades. Aqui se pode retomar a ideia de experiência profunda *versus* experiência indireta com os lugares.

Para Tuan, a experiência é termo-chave no entendimento do lugar, já que dá cor, atribui significado e inclui sensações... Eis aí a grandiosa diferença entre eles: enquanto Juma tem toda sua experiência de vida ligada àquele lugar, que lhe é orgânico, visceral e de unidade, Jove tem um espírito mais moderno e desapegado, aprecia novas experiências e vivências.

Vale lembrar aqui das complexas experiências dos seres humanos com os lugares, que podem apresentar para cada um diferentes significados. A mesma tapera simples e desestruturada pode ser dotada de significados completamente opostos. A simplicidade que é paz, refúgio e alento a uns, pode ser prisão, angústia e isolamento para outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o conceito de Lugar pode ser mais fácil e prazeroso quando para além dos conceitos brevemente abordados pelos materiais didáticos, se enriquece as aulas através de meios visuais mais atraentes e de fácil acesso, por estarem amplamente presentes na mídia (televisão ou internet).

Partindo de uma geografia mnemônica e sem grande significado, entendida mesmo como maçante e estagnada, desde os movimentos por uma geografia crítica se busca relacionar o mundo vivido e as experiências dos alunos com os conteúdos propostos, fato que se configura ainda mais como realidade a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Aqui, procurou-se relacionar o conceito de Lugar com um grande sucesso da teledramaturgia brasileira que foi regravada com pineladas de modernidade. Nessa novela, diversas cenas e falas transportam o telespectador para o conceito de lugar na prática, a partir das quais mesmo sem conhecimento científico prévio, o ser humano é capaz de se identificar dentro de sua realidade vivida e de suas experiências.

Sem a pretensão de se encerrar em si mesma, a análise aqui apresentada não é verdade absoluta e ainda deixa de abranger, entre outros aspectos, o forte apelo ambiental, socioeconômico e agrário apresentado pelas cenas deste importante ecossistema brasileiro que estão em rede nacional em horário nobre na televisão aberta e acessível a todos.

GEOGRAPHY IN PRIME TIME: WHAT DOES THE PANTANAL TEACH US ABOUT THE CONCEPT OF PLACE?

ABSTRACT

This article aims to identify the concept of place presented in the media as a practical way of learning geography. Often the knowledge presented by textbooks can prove to be meaningless and distant from reality, as it has shown for many years in the mnemonic past of geographic science. The proposal of renewed geography is for a more meaningful and practical learning, for which the phenomenological perspective is well applied. Initially important authors and their conceptualizations and collaborations about this perspective are highlighted, then the parallel between the teaching of geography and the concept of place is established and, finally, a brief and unpretentious analysis of scenes and contexts of the novel Pantanal, which can contribute to the meaningful learning of the place as a lived space. It is understood that the previously planned and well selected use of this audiovisual resource, whose scenes are widely publicized in free format both on television and on social networks, can be configured as a successful strategy in the teaching of geography.

Key-words: Place. Teaching geography. BNCC wetland. Mass media.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- CARVALHO, Maria Inez. **Fim de século**: a escola e a geografia. 2º ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GONÇALVES, Carlos Walter P. Reflexões sobre Geografia e Educação: notas de um debate. In: **O ensino de Geografia em questão e outros temas**. Terra Livre – AGB. São Paulo: Marco Zero, 1987.
- HOLZER, Werther. **GEOgraphia**, ano V, n. 10, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13458/8658>>. Acesso em 04 jun. 2022.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Prefácio. In: TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina-PR: Eduel, 2013.
- NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Componente curricular geografia e a Base Nacional Comum Curricular**. 2020. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/Amelia_Regina_Batista_Nogueira.pdf. Acesso em 07 jul. 2022.
- PONTUSCHKA, Nídia N. A geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, Ana Fani A. (orgs.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 111-142. (Caminhos da Geografia).
- SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos**: Geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2021.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina-PR: Eduel, 2013.
- VLACH, Vânia Rúbia F. Fragmentos para uma discussão: método e conteúdo no ensino da Geografia de 1º e 2º graus. **Terra Livre**, São Paulo, n. 2, O ensino da geografia em questão e outros temas, AGB/Marco Zero, jul. 1987.

Recebido em 31/07/2022.
Aceito em 25/11/2022.